

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

FLÁVIA CARVALHO DE SOUZA

À LUZ DAS JOIAS:
O QUE RESTOU DA TRAGÉDIA EM BRUMADINHO

BAURU
2026

FLÁVIA CARVALHO DE SOUZA

À LUZ DAS JOIAS:
O QUE RESTOU DA TRAGÉDIA EM BRUMADINHO

Relatório do Projeto Experimental do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Camargo.

BAURU
2026

FLÁVIA CARVALHO DE SOUZA

À LUZ DAS JOIAS:
O QUE RESTOU DA TRAGÉDIA EM BRUMADINHO

Relatório do Projeto Experimental do
Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo da UNESP,
pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Aline Cristina Camargo
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof^a. Dr^a. Angela Maria Grossi
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Ma. Rebeca Kritsch
Columbia University

Bauru, 31 de julho de 2026

RESUMO

O presente relatório descreve o processo de produção do livro “*À Luz das Joias: o que restou da tragédia em Brumadinho*”, um conteúdo de jornalismo interpretativo no formato de livro-reportagem. O objetivo do trabalho é evidenciar de que modo as consequências psicológicas, socioeconômicas e ambientais decorrentes do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho afetam os atingidos até hoje, sete anos depois da tragédia. O livro contextualiza os fatores que levaram ao rompimento da barragem B1 da Mina Córrego do Feijão em 25 de janeiro de 2019, bem como os impactos imediatos e de longo prazo para a população de Brumadinho e aos familiares de vítimas fatais, considerando aspectos como luto coletivo, reparação integral, responsabilização corporativa e não repetição de tragédias. Para evocar esses fatos e construir a narrativa, foi realizada uma revisão bibliográfica e documental, além de quinze entrevistas semiestruturadas com personagens que possuem conhecimento sólido, seja através de estudos acadêmicos ou experiência empírica, sobre os efeitos do rompimento de uma barragem de rejeitos. Por meio da investigação em profundidade e da escrita sensível, o livro-reportagem visa humanizar a tragédia em Brumadinho e contribuir para a conscientização social sobre a importância da fiscalização rigorosa e da conduta ética na indústria de mineração.

Palavras-chave: Brumadinho; Desastre industrial; Impacto ambiental; Livro-reportagem; Jornalismo interpretativo.

ABSTRACT

This report describes the production process of the book “À Luz das Joias: o que restou da tragédia em Brumadinho” (In the Light of the Jewels: what remains of the tragedy in Brumadinho), a work of interpretive journalism in the format of a reportage book. The objective of this study is to highlight how the psychological, socio-economic, and environmental consequences resulting from the collapse of the Vale dam in Brumadinho still affect the victims today, seven years after the tragedy. The book contextualizes the factors that led to the collapse of the B1 dam at the Córrego do Feijão Mine on January 25, 2019, as well as the immediate and long-term impacts on the population of Brumadinho and the families of the deceased victims, considering aspects such as collective grief, full reparation, corporate accountability, and the non-repetition of such tragedies. To evoke these facts and construct the narrative, a bibliographic and documentary review was conducted, alongside fifteen semi-structured interviews with individuals possessing solid knowledge – either through academic study or personal experience – regarding the effects of a mining dam collapse. Through in-depth investigation and sensitive writing, the reportage book aims to humanize the tragedy in Brumadinho and contribute to raising social awareness about the importance of rigorous oversight and ethical conduct in the mining industry.

Keywords: Brumadinho; Industrial disaster; Environmental impact; Reportage book; Interpretive journalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 Gênero	8
2.2 Formato: Livro-reportagem	9
3. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO	12
3.1 Pré-produção	12
3.2 Produção	13
3.3 Pós-produção	17
4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	18
4.1 Público de interesse	19
4.2 Custos de execução	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22
APÊNDICES	23

1. INTRODUÇÃO

O dia 25 de janeiro de 2019 marca um dos maiores desastres socioambientais da história brasileira: o rompimento da barragem B1 da Mina Córrego do Feijão, gerenciada pela mineradora Vale S.A., na cidade de Brumadinho em Minas Gerais. A tragédia liberou aproximadamente 12,7 milhões de metros cúbicos de rejeitos que seguiram o curso do ribeirão Ferro-Carvão até alcançar o rio Paraopeba, de onde a lama de resíduos percorreu 315 quilômetros da bacia hidrográfica em 42 dias e contaminou a água de 26 municípios. Além da perda ambiental, 272 vidas foram interrompidas – incluindo dois nascituros e dois corpos não encontrados.

A mídia brasileira realizou uma intensa cobertura nos dias subsequentes à tragédia, e até veículos internacionais repercutiram o caso. As primeiras investigações buscavam responder às questões fundamentais como quais fatores ocasionaram o súbito colapso da estrutura e quem seria responsabilizado por isso. Inicialmente, ainda não se tinha dimensão da perda humanitária e ambiental do rompimento da barragem em Brumadinho, mas sabia-se que o número de mortos ultrapassaria o da tragédia em Mariana, três anos antes – naquela ocasião, 19 óbitos foram registrados.

Se o rompimento da barragem de Fundão em Mariana, ocorrido no subdistrito de Bento Rodrigues em 5 de novembro de 2015, foi considerado o desastre de maior impacto ambiental do Brasil e do mundo no que se refere a barragens de rejeitos, o rompimento da B1 na Mina Córrego do Feijão em Brumadinho foi a maior perda humanitária.

Ainda que seja possível traçar muitos paralelos entre as duas tragédias, principalmente o fato de que as barragens que se romperam em Mariana e Brumadinho foram construídas pelo método de alteamento a montante – o mais instável e econômico, agora proibido no país pela Lei nº 14.066/2020 –, o foco do livro-reportagem desenvolvido é nos impactos do rompimento da barragem em Brumadinho para a população local e para os familiares de vítimas fatais.

A escolha deste tema se justifica pela ausência de coberturas midiáticas que demonstrem como os atingidos pelo rompimento da barragem em Brumadinho ainda sofrem consequências pungentes e sem reparação.

Com o passar dos anos, é perceptível que essa tragédia deixou de ser considerada uma pauta relevante para ocupar espaço nos telejornais do horário nobre e nas manchetes dos

principais veículos de comunicação do Brasil. O rompimento da barragem em Brumadinho só é lembrado na mídia a cada 25 de janeiro, embora já se tenha indícios concretos que fundamentam a denúncia do Ministério Público Federal contra a mineradora Vale S.A., a consultoria alemã Tüv Süd e outras 16 pessoas pelos crimes de homicídio qualificado por 270 vezes e crimes de caráter ambiental; além de pesquisas feitas em parceria com universidades públicas que evidenciam o grave nível de adoecimento mental em Brumadinho. Mesmo com uma base de dados robusta, os efeitos duradouros do rompimento da barragem em Córrego do Feijão não são explorados em profundidade nem repercutidos com frequência pelos meios de comunicação, o que, de certo modo, contribui para o apagamento simbólico da tragédia.

O presente trabalho visa, portanto, combater o possível esquecimento do desastre humanitário e socioambiental em Brumadinho. Busca compreender e responder aos seguintes questionamentos: o que ocasionou o rompimento da barragem B1 da Mina Córrego do Feijão?; o que este acontecimento representa para os atingidos?; o que pode ser considerada “reparação integral”?; como os familiares de vítimas fatais se sentem sete anos depois do desastre e como eles se organizam para reivindicar seus direitos e homenagear seus entes queridos?; como está o andamento do processo judicial do caso Brumadinho?; é possível falar em sustentabilidade na atividade mineradora?.

O objetivo geral consistiu na produção de um livro-reportagem que aborda as consequências marcantes e persistentes do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho. Para alcançá-lo, foram estipulados os seguintes objetivos específicos:

- Contextualizar os fatores que ocasionaram o colapso da barragem B1 da Mina Córrego do Feijão;
- Avaliar e descrever de modo sensível o impacto psicológico e socioambiental que persiste além do tempo pós-tragédia, considerando especialmente o luto dos familiares de vítimas fatais.

Ao abordar as consequências do rompimento da barragem em Brumadinho sob a ótica das pessoas atingidas, este trabalho contribui para impedir o esquecimento de um dos maiores desastres da mineração na história brasileira e para demonstrar a eficácia do formato livro-reportagem na cobertura de direitos humanos e catástrofes.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta a abordagem teórica que orientou o desenvolvimento do produto experimental, detalhando as justificativas para a escolha do gênero jornalístico e do formato empregado.

2.1 Gênero

O livro elaborado está inserido no gênero Jornalismo Interpretativo, o qual vai além da simples apresentação dos fatos – característica atribuída ao jornalismo factual – ao contextualizar, analisar e explicar o significado de eventos complexos. Trata-se da apuração em profundidade para auxiliar o leitor a compreender os impactos da notícia e interpretar a realidade.

A função primordial do jornalismo interpretativo é definida por Luiz Beltrão (1976, p. 12).

A interpretação jornalística consiste no ato de submeter os dados recolhidos no universo das ocorrências atuais e ideias atuantes a uma seleção crítica, a fim de proporcionar ao público os que são realmente significativos (BELTRÃO, 1976, p. 12).

Os dados selecionados para a realização deste trabalho envolvem as barragens a montante que ainda existem no Brasil, os índices de contaminantes presentes nas bacias do rio Paraopeba e Alto São Francisco, os estudos sobre a saúde dos cidadãos em Brumadinho, os efeitos do Acordo Judicial para Reparação Integral e, principalmente, as perspectivas das pessoas atingidas e familiares de vítimas fatais sobre as consequências imediatas e duradouras decorrentes do rompimento da barragem B1 em Córrego do Feijão, por meio de entrevistas em profundidade realizadas tanto de modo presencial como remoto.

Nesse sentido, o objetivo do jornalismo interpretativo é “identificar, investigar, documentar, prognosticar e difundir a informação da ocorrência em toda a sua integridade” (Beltrão, 1976, p. 47).

O trabalho desenvolvido apresenta uma investigação das consequências psicossociais, econômicas e ambientais que perduram na cidade de Brumadinho e no cotidiano das pessoas atingidas pelo rompimento da barragem da Vale em 25 de janeiro de 2019, a fim de que o leitor possa analisar os fatos criticamente e interpretar a informação com base em seu juízo.

Considerando a liberdade criativa permitida pelo gênero interpretativo no formato de livro-reportagem, cabe ressaltar que o produto desenvolvido não se limita a apresentar os

dados de maneira objetiva ou técnica. Pelo contrário, utiliza-se de recursos poéticos e estéticos, como a disposição do texto na página anterior ao início de cada capítulo e a inserção de fotografias para compor a narrativa; além de linguagem simbólica, com o objetivo de transmitir ideias abstratas e humanizar as personagens. Tais recursos linguísticos auxiliam o público na tarefa de interpretar a informação, mas também exigem a capacidade de discernimento tanto do leitor quanto do autor, como Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 379) avaliou:

O simbolismo ajuda a consolidar na mente do leitor a síntese, a imagem, o sentido de um acontecimento, pois se vale do discurso poético, do código visual. Os significados que não estão evidentes pelos fatos eu preciso ter tirocínio para entender, mesmo que o meu protagonista não consiga verbalizar. Meu compromisso, enquanto autor, é ler a realidade da maneira mais fiel e completa possível. Isso exige flexibilidade mental assim como sensibilidade para se ver, no que está sutilmente disponível, a carga simbólica oculta. É o simbolismo que me permite fazer ponte entre um fato ou situação com seu sentido universal.

Portanto, a escolha do gênero interpretativo se justifica pela possibilidade de produzir um jornalismo aprofundado, que sirva como registro histórico dos efeitos catastróficos do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, e que permita ao leitor o pleno exercício do senso crítico para refletir nos desdobramentos deste acontecimento.

2.2 Formato: livro-reportagem

O livro-reportagem foi o formato escolhido porque sua inerente liberdade narrativa permite resgatar uma ocorrência do passado e traçar paralelos no presente, o que contribui para contextualizar o fato e contar diferentes perspectivas sem as limitações dos modelos de apuração e redação característicos das *hard news*.

Lima (1993, p. 17) afirma que o valor do livro-reportagem encontra-se “em sua capacidade de estender a função informativa e orientativa do jornalismo cotidiano”. Ao aprofundar a investigação sobre as consequências persistentes do rompimento da barragem de rejeitos em Brumadinho, fato ocorrido há sete anos, este trabalho cobre lacunas deixadas pelo jornalismo factual e “contribui para que o leitor conquiste uma compreensão ampliada da contemporaneidade, na medida em que não fica, muitas vezes, limitado aos fatos isolados do cotidiano que geram as notícias dos outros veículos jornalísticos” (Lima, 1993, p. 17).

Segundo Lima (2009, p. 39), entre os elementos fundamentais que compõem o

formato escolhido destaca-se a grande-reportagem. Para escrever *À Luz das Joias: o que restou da tragédia em Brumadinho*, foi necessário o aperfeiçoamento deste gênero jornalístico com foco no porquê e nas consequências do rompimento da barragem da Vale em Córrego do Feijão, através da análise de dados públicos e entrevistas, a fim de cumprir com o aprofundamento quantitativo e qualitativo do tema para o desenvolvimento do livro-reportagem.

[...] há uma análise multiangular de causas e consequências, de efeitos e desdobramentos, de repercussões e implicações. Neste plano, a grande-reportagem em livro vincula-se menos à edificação do tangível imediato, do concreto, e mais à tecitura do sutil, do que está por materializar-se (LIMA, 2009, p. 40).

A estrutura do livro foi pensada para unir uma ocorrência do passado com os efeitos que ela ainda produz no momento presente, de modo a privilegiar os depoimentos das personagens e entrelaçar dados quantitativos com relatos de experiências.

Para viabilizar essa estrutura, o livro foi dividido em sete capítulos que transitam entre a memória do dia do rompimento, as batalhas jurídicas e ambientais subsequentes, e o cenário atual de resiliência e dor dos atingidos, permitindo que cada faceta dessa realidade ganhasse o espaço e a profundidade necessários.

Dessa forma, a sensibilidade da linguagem narrativa funde-se ao rigor da apuração jornalística. O formato longo e a liberdade estilística permitiram ir além da reconstrução cronológica do desastre. A obra se debruça sobre temas como luto, morosidade dos processos de reparação, a busca por justiça e a reconfiguração social da população de Brumadinho.

O trabalho se adequa às características de duas classificações do formato: a de Livro-reportagem-história e a de Livro-reportagem-denúncia.

No que se refere ao Livro-reportagem-história, Lima (2009, p. 54) considera que “focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente [...]”. Como é o caso deste trabalho, o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho é um fato ocorrido há sete anos, mas cujas consequências psicossociais, econômicas e ambientais reverberam de modo evidente na atualidade.

Acerca do Livro-reportagem-denúncia, Lima (2009, p. 57) o define como aquele que “[...] apela para o clamor contra as injustiças, contra os desmandos dos governos, os abusos

das entidades privadas ou as incorreções de segmentos da sociedade, focalizando casos marcados pelo escândalo”. Este trabalho se enquadra também nessa classificação porque as decisões relacionadas às fontes e aos recortes de dados foram feitas para denunciar as situações injustas que perpassam a tragédia de Brumadinho. Desde a morosidade do processo criminal que apura a responsabilização pelo rompimento da barragem até os debates sobre o pagamento do auxílio emergencial pela Vale aos familiares de vítimas fatais, o livro-reportagem desenvolvido busca escancarar a realidade das pessoas atingidas pelo desastre.

O que justifica a combinação dessas duas classificações de livro-reportagem para o desenvolvimento deste produto é uma convicção pessoal de que o jornalismo deve desempenhar uma função social, especialmente diante da oportunidade de defender minorias e registrar fatos históricos que correm o risco de esquecimento.

A escolha pelo formato cumpre o papel social do jornalismo literário e em profundidade: humanizar a tragédia, contextualizar as falhas corporativas e institucionais sob uma ótica multiangular e registrar a história sob a perspectiva dos familiares de vítimas fatais e atingidos. Assim, a obra consolida-se não apenas como um relato documental, mas como um manifesto contra o esquecimento do rompimento da barragem em Brumadinho.

3. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

A realização do livro-reportagem se deu após um intenso período de revisão bibliográfica, análise de documentos públicos e coleta de dados. A revisão da literatura não se limitou ao gênero e formato escolhidos, mas também se valeu de outros livros-reportagens para inspirar o estilo da narrativa e servir de referência estética. Adicionalmente, foi feita a apuração de informações através da análise de documentos públicos e reportagens sobre o tema, e a coleta de dados contou com uma seleção crítica das fontes existentes e entrevistas em profundidade.

Este capítulo detalha as atividades realizadas nas fases de pré-produção, produção e pós-produção do livro-reportagem.

3.1 Pré-produção

A ideia de desenvolver o livro-reportagem sobre os impactos persistentes do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho surgiu após a observação de escassez na cobertura do tema, alinhada a uma motivação pessoal pelo fato de ter familiares mineiros e um desejo por contar histórias que raramente recebem espaço e reconhecimento na mídia hegemônica.

Mesmo sete anos depois do desastre que ceifou 272 vidas, há uma lacuna nas notícias sobre os desdobramentos do rompimento da barragem em Córrego do Feijão. Percebe-se que a aparente preocupação dos veículos jornalísticos tradicionais é relembrar o público, a cada 25 de janeiro, que uma barragem de rejeitos de mineração rompeu na cidade de Brumadinho. As reportagens que são produzidas não aprofundam nas consequências pungentes para os familiares das vítimas fatais, para os atingidos que dependiam da água da bacia do rio Paraopeba – ainda contaminada com metais pesados – para sua subsistência, tampouco para a população local que sofre com a alta nos preços no comércio. Há um amplo espectro de assuntos que poderiam ser explorados para além da simples memória do acontecimento. Foi pensando nisso, e considerando os fatores pessoais já mencionados, que surgiu a necessidade de elaborar o livro-reportagem.

A etapa de pré-produção iniciou em janeiro e seguiu até meados de fevereiro de 2026. A apuração inicial incluiu pesquisas em documentos públicos, tais como o Acordo Judicial para Reparação Integral, o relatório Observando os Rios (2020), o Reporte Trimestral de

Descaracterização de Barragens a Montante (2026) e reportagens disponíveis sobre o tema, além de revisão bibliográfica sobre o gênero interpretativo e o formato livro-reportagem, com o objetivo de aperfeiçoar os conhecimentos das técnicas para o desenvolvimento do produto.

Durante a fase de coleta de dados, foi criada uma pasta compartilhada com a orientadora no Google Drive, e todos os materiais necessários para a elaboração do livro foram subdivididos em demais pastas intituladas: “Entrevistas”; “Fotos” e “Levantamento Documental”. Essas ferramentas foram essenciais para auxiliar na organização e visualização dos dados.

Também foram feitas reuniões com a orientadora, a fim de consolidar a ideia do livro-reportagem e discutir referências para a estruturação dos capítulos e a estética do produto.

3.2 Produção

O período de produção se deu entre os meses de fevereiro e maio de 2026. Após o levantamento documental e a revisão bibliográfica, iniciou-se uma pesquisa de possíveis fontes – primárias e secundárias – para entrevistar e, conseqüentemente, foi desenvolvido um roteiro de perguntas personalizado para orientar cada conversa, conforme demonstrado nos apêndices. A primeira lista de possíveis entrevistados incluiu treze pessoas, dentre pesquisadores, ativistas e uma atingida pelo rompimento da barragem. Paralelamente, também elaborei questionamentos aos órgãos governamentais como a Agência Nacional de Mineração e a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, para serem feitos por meio da Lei de Acesso à Informação. Todas as listas de perguntas foram revisadas, corrigidas e aprovadas pela orientadora.

As tentativas de contato com as fontes se deram, principalmente, através de endereços de e-mail, mas houve casos em que se fez necessário entrar em contato por perfis nas redes sociais. A estrutura da primeira mensagem foi a mesma para todos: uma breve apresentação pessoal e do projeto, convite para contribuição, e explicação das opções de dias e horários disponíveis para realização da entrevista em vídeo chamada.

A primeira pessoa a aceitar o convite foi o ativista ambiental Nilo D’Ávila, do Greenpeace Brasil. A conversa com ele ocorreu em 11/02/2026 via plataforma Zoom, e cobriu temas como as consequências ambientais da mineração predatória e da pluma de rejeitos liberada na natureza após o rompimento da barragem em Brumadinho, além do

conceito de sustentabilidade.

A segunda entrevistada foi a ativista ambiental Maria Dalce Ricas, superintendente executiva da Associação Mineira de Defesa do Ambiente, em 23/02/2026, via Google Meet. Também conversamos sobre sustentabilidade e os riscos da atividade mineradora para o meio ambiente. No entanto, o conteúdo da entrevista não pôde ser aproveitado em razão da baixa qualidade do áudio que não permitiu a fiel transcrição das falas.

A terceira pessoa com quem conversei também atua como ativista ambiental: Malu Ribeiro, da Fundação S.O.S Mata Atlântica. Nossa entrevista foi realizada em 25/02/2026 via Google Meet, e o enfoque foi direcionado para a experiência de Malu em Brumadinho no período em que ela esteve no município para estudar a qualidade da água na bacia do rio Paraopeba. Ademais, também conversamos sobre os impactos da mineração na natureza e do conceito de sustentabilidade.

A quarta entrevistada foi Helena Taliberti, mãe, economista aposentada e diretora-presidente do Instituto Camila e Luiz Taliberti. Conversamos em 09/03/2026 via Google Meet. Ela mora em São Paulo, mas se considera atingida pelo rompimento da barragem em Brumadinho porque perdeu seus dois filhos, Camila e Luiz, na tragédia – além da nora, Fernanda Damian de Almeida, que estava grávida de Lorenzo Taliberti de Almeida. Nossa entrevista durou aproximadamente uma hora e teve um tom mais pessoal e íntimo que as demais. Helena falou sobre a dor do luto e a missão do instituto que honra seus filhos e todas as vítimas fatais do desastre.

Em 13/03/2026, conversei com o militante Guilherme Camponêz, do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), via Google Meet. Ele acompanha os atingidos da bacia do rio Paraopeba e mobiliza ações de reivindicações de direitos. As perguntas foram direcionadas para a história e a luta do MAB, o significado prático de ser uma pessoa atingida por barragem e as expectativas daqueles que fazem parte do movimento.

O professor Fernando António Leal Pacheco foi o sexto entrevistado, em 19/03/2026 via Google Meet. Ele é geólogo, docente na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Portugal, e no Programa de Pós-graduação em Agronomia da Unesp. Coordenou grupos de pesquisa e de monitoramento da qualidade da água no rio Paraopeba, feitos no âmbito do Acordo Judicial para Reparação Integral sob financiamento da Vale. A entrevista cobriu temas relacionados ao meio ambiente e às pesquisas desenvolvidas.

Depois das seis primeiras entrevistas, viajei para Minas Gerais em 21/03/2026 às 21h15

e cheguei em Belo Horizonte às 06h do dia 22/03/2026. Fui recebida pelos meus tios Gilmar e Raphaele, que generosamente aceitaram me hospedar até 24/03/2026 para que eu realizasse a pesquisa de campo em Brumadinho.

O primeiro dia da pesquisa de campo foi dedicado a uma visita ao Memorial Brumadinho, espaço in situ que honra a memória das 272 vítimas fatais do rompimento da barragem em Córrego do Feijão. Conhecer o Memorial auxiliou no processo de escrita sensível do capítulo IV e foi uma experiência fundamental para compreender o impacto humano da tragédia. Ao longo da visita, a única entrevistada foi a educadora Letícia Maciel, que guiou o percurso e explicou os significados da arquitetura do espaço.

Já no segundo dia em Minas Gerais, viajei de ônibus de Belo Horizonte até Brumadinho, ocasião em que conheci e conversei com a moradora Maria Helena. Ela não é uma atingida pelo rompimento da barragem, mas compartilhou suas percepções sobre o que mudou no município desde então e contou que conhece pessoas que perderam familiares no desastre; algumas de suas falas foram incluídas no capítulo II. Além disso, Maria Helena foi importante porque indicou uma igreja para conhecer. Logo que cheguei em Brumadinho, ela me acompanhou até a Paróquia São Sebastião, e ali conversamos com a Neusa, uma mulher que trabalha como auxiliar de serviços gerais na igreja e que também compartilhou sua perspectiva da cidade.

Depois de falar com Maria Helena e Neusa, tive dificuldade para encontrar moradores dispostos a conceder entrevistas ou dar continuidade a uma conversa. Ao andar pelo centro da cidade, encontrei a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brumadinho e Rio Manso, entrei e fui recebida por um senhor chamado Mauro Pinto de Souza, presidente daquele sindicato. Assim como as mulheres com quem conversei antes, Mauro não é um atingido, mas teceu comentários críticos em relação à economia em Brumadinho desde o rompimento da barragem, e seu ponto de vista contribuiu para o último capítulo do livro.

Quando estava para ir embora da cidade, quase convencida de que não encontraria mais pessoas dispostas a dar depoimentos, passei em frente a um mecânico e avistei um carro com um adesivo da Associação dos Familiares de Vítimas e Atingidos pelo Rompimento da Barragem em Brumadinho (AVABRUM), uma organização que luta por reparação integral e reivindica direitos para as pessoas diretamente afetadas pelo rompimento da barragem em Córrego do Feijão. Entrei no estabelecimento e procurei pelo proprietário do carro. Foi então que uma mulher chamada Natalina conversou comigo, disse que apoiava a AVABRUM mas

que não poderia conceder a entrevista naquele momento. Ainda assim, através de Natalina consegui o contato de Natália de Oliveira, que foi uma das fundadoras da AVABRUM e a voz protagonista do livro-reportagem.

Enviei uma mensagem para Natália de Oliveira via WhatsApp e ela prontamente respondeu que contribuiria para o meu trabalho. Nossa conversa se deu de forma remota, principalmente por meio de áudios. Ela é professora e foi diretamente atingida pelo rompimento da barragem porque perdeu sua irmã, Lecilda de Oliveira, que trabalhava como Analista de Operações na Vale e estava na área administrativa da empresa no momento da tragédia. A conversa com Natália durou cerca de uma semana, na qual ela compartilhou, aos poucos, a história da irmã e a luta de 1081 dias para encontrar um remanescente ósseo que foi identificado como sendo de Lecilda. Todos os depoimentos fornecidos foram tratados com o máximo respeito e sensibilidade durante a nossa conversa e a escrita do livro.

Ao voltar da viagem de pesquisa de campo, foram feitas outras entrevistas em formato de videoconferência.

No dia 27/03/2026, a diretora-presidente do Memorial Brumadinho, Fabíola Moulin, concedeu entrevista via Google Meet. Os principais assuntos da conversa foram sobre o papel da arte na elaboração do luto e na construção respeitosa de um espaço de memória e acolhimento, e ela também falou sobre a participação ativa de membros da AVABRUM no processo de construção do Memorial Brumadinho.

Em 01/04/2026, conversei com o advogado Pablo Martins via Google Meet. Ele é representante da AVABRUM no processo que apura a responsabilidade penal pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho e falou sobre o andamento do caso na justiça.

Uma semana depois, a psicóloga Maria Júlia Kovács deu o seu depoimento sobre o conceito de morte e luto em uma entrevista realizada em 09/04/2026 via áudios no WhatsApp. Ela é docente no Instituto de Psicologia da USP e fundadora do Laboratório de Estudos sobre a Morte. O conhecimento compartilhado foi fundamental para compreender em que medida o luto persiste e afeta a vida dos atingidos pela tragédia.

O último entrevistado foi o professor Roger Augusto Rodrigues, engenheiro geotécnico e docente na Faculdade de Engenharia da Unesp em Bauru. Ele tem ampla experiência em Mecânica dos Solos e conversou comigo presencialmente, no Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da Unesp, no dia 15/05/2026. O principal assunto foi sobre

os tipos de barragens de rejeitos que existem e os fatores que ocasionam a instabilidade da barragem a montante – estrutura que rompeu em Brumadinho e que atualmente é proibida no Brasil pela Lei nº 14.066/2020.

Todas as entrevistas foram fundamentais para a construção da narrativa e aprofundamento do tema. Ao todo, foram catorze depoimentos que serviram para informar o leitor com propriedade, sensibilidade e ética. A partir da transcrição das primeiras entrevistas e logo após a pesquisa de campo, foi feita uma seleção das citações diretas que seriam incluídas e deu-se início a escrita do livro-reportagem.

3.3 Pós-produção

A fase de pós-produção ocorreu entre os meses de maio e junho de 2026. O conteúdo do livro “bruto”, sem a diagramação, passou por revisão textual pela professora orientadora em maio e, após as sugestões dela, modificações finais foram feitas para aperfeiçoar o material. O texto foi entregue para uma designer contratada para diagramação em 27/05/2026, e ela devolveu o livro-reportagem em 25/06/2026.

A designer utilizou o software *Adobe Indesign* para diagramar o livro. A primeira capa, folha de rosto e quarta capa foram desenvolvidas pela autora através do *Canva*. Ao longo do processo de diagramação, foi feita uma reunião inicial com a designer contratada para alinhar as expectativas em relação à estética do produto. O contato com a orientadora também foi recorrente no período de finalização do material.

Dessa forma, o cronograma de execução do produto experimental foi seguido de acordo com o planejamento prévio:

Quadro 1 - Cronograma de Execução

ATIVIDADES	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Reuniões com Orientação	X	X	X	X	X		
Pesquisa bibliográfica e documental	X	X					
Contato com as fontes		X	X	X	X		
Entrevistas		X	X	X	X		
Pesquisa de campo			X				
Redação			X	X	X		

Revisão e edição de texto					X		
Diagramação					X	X	
Finalização do relatório						X	
Apresentação							X

Fonte: produzido pela autora.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro-reportagem *À Luz das Joias: o que restou da tragédia em Brumadinho* possui 105 páginas e é estruturado em sete capítulos, além de introdução, agradecimentos e uma página com informações sobre a autora.

A fonte utilizada para o corpo do texto é a Times New Roman em tamanho 11 pt, espaçamento entre linhas 14 pt e cor preto. Para os títulos dos capítulos, a fonte é Bebas Neue em tamanho 30 pt e cor marrom escuro. As páginas de “respiro visual”, anteriores ao início de cada capítulo, contém uma frase de impacto escrita na fonte Bebas Neue em tamanho 15 pt, espaçamento entre linhas 20 pt e cor marrom escuro. A fonte das legendas das fotografias é Times New Roman em tamanho 09 pt, espaçamento entre linhas 10 pt e alinhamento à esquerda. As margens são 40mm x 15mm x 20mm x 10mm. O texto é justificado com a última linha alinhada à esquerda e o recuo é de 05mm. As dimensões de impressão são 140mm x 210mm.

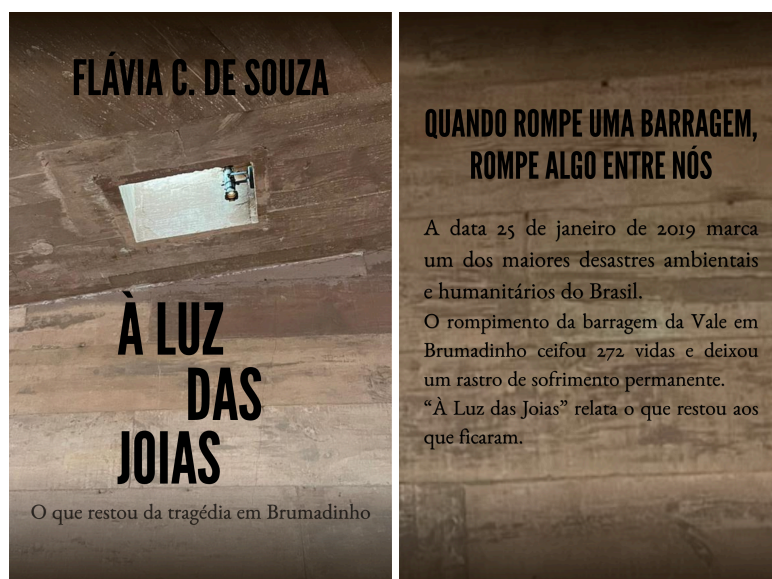
As fotografias foram distribuídas ao longo dos capítulos. Algumas imagens ocupam uma página inteira, enquanto outras dividem espaço com fotos de diferentes tamanhos e formatos. A escolha desse estilo de diagramação visa um design diferenciado e teve como referência os livros *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella, e *Redescobrimo o Brasil*, de Rebeca Kritsch.

A escolha do título *À Luz das Joias* faz alusão à ressignificação do termo “joia” pelos familiares de vítimas fatais do rompimento da barragem em Brumadinho, que consideram seus entes queridos como suas preciosidades. O subtítulo remete às consequências desta tragédia.

A fotografia que compõe a arte da primeira e da quarta capa foi registrada pela autora em visita ao Memorial Brumadinho. Na primeira capa, a imagem é de uma abertura em formato geométrico retorcido, no teto do pavilhão principal do Memorial, que ilumina uma

drusa de cristais a cada 25 de janeiro, representando a esperança e, ao mesmo tempo, a pouca luminosidade que adentra um ambiente soterrado pela lama. Já na quarta capa, a foto é da parede do mesmo pavilhão: o concreto especial passou por um processo de pigmentação que utilizou a lama de rejeitos da barragem que se rompeu, quimicamente tratada, para conferir a cor de barro às paredes do Memorial Brumadinho. A ideia das capas valoriza a subjetividade e partiu do conceito de materialização de sentimentos abstratos.

Figura 1 - Capa do Livro



Fonte: produzido pela autora.

4.1 Público de interesse

O público de interesse abrange desde a comunidade acadêmica até pessoas interessadas em livro-reportagem e temas relacionados a: jornalismo; mineração; desastre industrial; direitos humanos; e meio ambiente. A escrita foi desenvolvida em linguagem acessível e as ocorrências históricas foram devidamente contextualizadas e explicadas para auxiliar a compreensão do público geral.

4.2 Custos de execução

Os custos de execução do trabalho envolveram a realização da pesquisa de campo em Minas Gerais e os serviços de diagramação do livro-reportagem.

Para a pesquisa de campo, foi necessário comprar duas passagens de ônibus: uma de ida para Belo Horizonte no valor de R\$ 436,79, e outra de volta para São Paulo no valor de

R\$ 349,99. Em Belo Horizonte, o custo para viajar de transporte público coletivo até Brumadinho foi de R\$ 32,00, sendo R\$ 16,00 para a ida e R\$ 16,00 para a volta. Já em Brumadinho, o gasto foi de R\$ 25,00 para o almoço em um restaurante local. Ao todo, o valor gasto para a viagem da pesquisa de campo foi de R\$ 843,78.

O serviço de diagramação contratado totalizou R\$ 520,00.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do presente Produto Experimental é resgatar a memória do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho e informar o público das consequências que perduram para além do tempo pós-tragédia, tanto na natureza que não se recuperou dos contaminantes de mineração como na vida dos atingidos que sofrem com revitimização, transtornos psicológicos e morosidade processual. A relevância do estudo se justifica pela escassez de abordagem do tema na cobertura jornalística e pela necessidade de ampliar a voz dos atingidos e familiares de vítimas fatais, uma vez que essas pessoas raramente recebem espaço na mídia para compartilhar suas histórias e perspectivas.

Ao longo do processo de apuração e coleta de dados através das entrevistas e pesquisa de campo, ficou evidente que os atingidos pelo rompimento da barragem em Brumadinho passam por um luto contínuo e coletivo, frequentemente agravado pela sensação de impunidade. A escuta atenta das fontes permitiu responder de forma contundente aos questionamentos iniciais da pesquisa. Constatou-se que o conceito de “reparação integral”, na visão daqueles que vivenciam a perda de um familiar ou modo de subsistência, transcende o aspecto financeiro estipulado em acordos judiciais, pois perpassa pela responsabilização criminal dos envolvidos, recuperação efetiva do meio ambiente e garantia da não repetição de desastres semelhantes.

A escolha do jornalismo interpretativo e do formato de livro-reportagem foi essencial para o cumprimento dos objetivos estipulados. Ao distanciar-se do imediatismo e das limitações das *hard news*, a obra foi capaz de explorar as nuances psicossociais do desastre, utilizando recursos estéticos e uma escrita sensível para informar o público sobre a dor, a luta e a resiliência daqueles que permanecem resistindo após a tragédia em Brumadinho.

Do ponto de vista acadêmico e de desenvolvimento profissional, a execução deste trabalho representou um desafio interessante. A transição do levantamento documental para o contato direto com as fontes exigiu um exercício de rigor ético, empatia e certa persistência

para conseguir o agendamento de entrevistas. O maior obstáculo foi vivenciar a dinâmica da pesquisa de campo e encontrar atingidos dispostos a reviver e compartilhar suas memórias dolorosas. No fim, cada depoimento das fontes, fossem elas primárias ou secundárias, contribuiu para a construção da narrativa humanizada que se pretendia elaborar.

O livro-reportagem *À Luz das Joias: o que restou da tragédia em Brumadinho* é um registro histórico que combate o apagamento simbólico de uma tragédia da mineração predatória. O trabalho cumpriu o propósito de informar em profundidade e pode contribuir para os estudos na área de Comunicação, especialmente no que se refere ao potencial do jornalismo interpretativo como ferramenta de defesa dos direitos humanos.

Certamente existem inúmeras outras histórias de pessoas atingidas por barragens que ainda não receberam espaço para serem documentadas. Ao explorar esse tema no contexto do rompimento da barragem em Brumadinho, espera-se suscitar na comunidade acadêmica o desejo de estudar outros casos semelhantes em profundidade. Afinal, amplificar as necessidades e vivências daqueles que são marginalizados na mídia também é dever do bom jornalismo (aquele que é feito com ética, paixão e compromisso com a verdade).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: Filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.

APÊNDICE A — Roteiro de entrevista semiestruturada com Nilo D’Ávila

O que faz com que a Greenpeace Brasil classifique o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho como o maior crime socioambiental do país e tragédia humanitária?

Como o comprometimento das bacias hidrográficas dos rios Paraopeba e Alto São Francisco afeta o bioma Mata Atlântica e a segurança hídrica de populações que dependem desse sistema?

Após o rompimento da barragem da Samarco em Mariana, em 2015, o Greenpeace intensificou o alerta para a fragilidade do sistema de licenciamento ambiental de atividades mineradoras. Como o senhor avalia uma possível negligência do Estado e da Vale no intervalo entre esses dois crimes?

É possível pensar em um modelo econômico para Minas Gerais que não dependa da mineração?

É possível falar em “mineração sustentável”?

APÊNDICE B — Roteiro de entrevista semiestruturada com Malu Ribeiro

Os dados que apontam para a condição ambiental do rio Paraopeba foram elaborados com base no Índice de Qualidade da Água (IQA) adaptado pelo Observando os Rios, projeto da S.O.S Mata Atlântica. Quais parâmetros consistem nesse índice?

A equipe da expedição percorreu aproximadamente 2.000 km por estradas e rodovias, passando por 21 municípios, para realizar a coleta de água em diferentes pontos das bacias hidrográficas dos rios Paraopeba e Alto São Francisco. De que forma a péssima qualidade da água afeta as comunidades ribeirinhas e os cidadãos dos municípios atingidos?

Em trechos próximos a Brumadinho e São Joaquim de Bicas, a turbidez elevada e os baixos níveis de oxigênio dissolvido impediam a existência de vida aquática. Como a fundação avalia a capacidade de regeneração do rio nessas áreas críticas? É possível voltar ao que era antes da tragédia?

Lugares turísticos e colônias de pescadores foram encontrados vazios e silenciosos durante a expedição. Além dos dados técnicos, o que os relatos das famílias atingidas revelam sobre a mudança brusca de realidade após o crime ambiental?

O que te marcou na realização deste trabalho?

APÊNDICE C — Roteiro de entrevista semiestruturada com Helena Taliberti

A missão do Instituto Camila e Luiz Taliberti é lutar pelos direitos humanos e promover a conscientização ambiental, além de impedir que o rompimento da barragem da Vale caia no esquecimento. De que forma a Camila e o Luiz inspiram essa missão?

A Malu Ribeiro, da Fundação S.O.S Mata Atlântica, mencionou a criação de um bosque em parceria com o Instituto Camila e Luiz Taliberti na sede da ONG, no qual foram plantadas árvores para cada uma das 272 vítimas fatais do rompimento da barragem. Pode falar mais sobre essa iniciativa?

Além do acervo online e da mostra Cinema, Mineração e Meio Ambiente, existem outras ações que o Instituto realiza?

Quando a senhora chegou em Brumadinho procurando pelos filhos, enfrentou um processo considerado difícil, em razão dos erros nos cadastros do Instituto Médico Legal; e, também, burocrático para comprovar que era a mãe. Com tudo isso, dá pra dizer que esse processo de reconhecimento provoca uma revitimização?

Que tipo de violência institucional ou simbólica as pessoas atingidas continuam sofrendo?

Quem é Helena Taliberti? O que te motiva? O que te desafia?

Quem foi Camila Taliberti? O que a motivava? O que a desafiava?

Quem foi Luiz Taliberti? O que o motivava? O que o desafiava?

APÊNDICE D — Roteiro de entrevista semiestruturada com Guilherme Camponêz

Em suas palavras, o que é o MAB? Qual a missão? Os coordenadores do movimento são todos atingidos por barragens?

A Política Nacional de Direitos das Populações Atingidas por Barragens (PNAB) define como atingidos os proprietários de terras, trabalhadores, pescadores, ribeirinhos, povos tradicionais e moradores de áreas afetadas. Algum grupo fica de fora dessa definição, mesmo que sofra os impactos do rompimento de uma barragem?

O senhor tem uma forte atuação em Minas Gerais, acompanhando os atingidos pelas barragens da Vale. Na sua percepção, quais são os principais impactos que não aparecem nos laudos técnicos, mas que atravessam a vida cotidiana das famílias?

Como é, na prática, negociar com uma empresa do porte da Vale sendo um morador atingido ou uma comunidade fragilizada?

Que tipo de violência institucional ou simbólica os atingidos continuam sofrendo mesmo após o desastre?

Como o senhor avalia o Acordo Judicial de Reparação firmado pela Vale e as instituições do Estado de Minas Gerais?

Em sua percepção, o que há de mais marcante na cidade de Brumadinho?

Pode compartilhar alguma vivência ou memória que teve em Brumadinho?

APÊNDICE E — Roteiro de entrevista semiestruturada com Fernando Pacheco

Pode explicar em detalhes o que foi o projeto de pesquisa e monitoramento da qualidade da água na bacia do rio Paraopeba?

O projeto foi financiado pela Vale S.A. nos termos do Acordo Judicial de Reparação? Como isso funcionou, na prática?

Por quanto tempo o estudo foi desenvolvido?

A pesquisa abrangeu todos os municípios afetados pelo curso d'água contaminado?

Quais foram as principais conclusões a que chegaram?

Quais são os desafios para essa recuperação do rio contaminado pela lama de rejeitos? O que pode retardar o processo?

APÊNDICE F — Roteiro de entrevista semiestruturada com Natália de Oliveira

Quem é Natália de Oliveira?

De que forma o rompimento da barragem impactou a sua vida?

Quem foi a sua irmã, Lecilda de Oliveira?

O que a Lecilda mais gostava de fazer?

Como você trabalhou na Comissão dos Não Encontrados?

Quais mudanças você testemunhou em Brumadinho depois do rompimento da barragem?

APÊNDICE G — Roteiro de entrevista semiestruturada com Fabíola Moulin

Em suas palavras, o que o Memorial Brumadinho representa?

Como foi o processo de escuta com a AVABRUM para garantir que o Memorial refletisse o desejo daqueles que perderam seus entes queridos?

Como a arquitetura e a curadoria do Memorial foram pensadas para impedir o esquecimento da tragédia?

De que forma a crítica de arte contemporânea auxilia na construção de um espaço que lida com um trauma coletivo tão profundo?

O Memorial é uma experiência imersiva. Qual sensação ou reflexão vocês esperam que o visitante leve consigo ao sair desse percurso?

A senhora se lembra de onde estava no dia 25 de janeiro de 2019 e como recebeu a notícia do rompimento da barragem?

APÊNDICE H — Roteiro de entrevista semiestruturada com Pablo Martins

Qual é a missão do Observatório das Ações Penais Sobre a Tragédia em Brumadinho?

Depois de sete anos da tragédia, por que as audiências de instrução e julgamento do caso Brumadinho na Justiça Federal só começaram em fevereiro deste ano?

Existem obstáculos para o avanço das investigações e do julgamento?

De que forma os familiares das vítimas participam ou acompanham as etapas judiciais?

Como o senhor percebe o impacto psicológico e social da demora judicial para as vítimas?

O que seria, na prática, “justiça” para as famílias que o senhor representa?

Como o senhor avalia a atuação do Ministério Público ao longo do caso?

Há alguma história ou momento marcante no contato com as famílias que te impactou profundamente?

O que ainda precisa ser dito sobre Brumadinho que não tem recebido espaço no debate público?

APÊNDICE I — Roteiro de entrevista semiestruturada com Maria Júlia Kovács

Pode falar mais sobre as pesquisas que a senhora desenvolve sobre a morte e o luto?

Como o luto pode ser acolhido?

Quando estive em Brumadinho, visitei o memorial que homenageia as vítimas do rompimento da barragem. Como um espaço como este pode auxiliar no acolhimento das pessoas enlutadas?

Uma pessoa que passa pelo processo do luto pode sentir que perdeu parte de si?

Quando tragédias como essa são repercutidas nacionalmente, dá para dizer que a sociedade compartilha do trauma coletivo ou sente apenas comoção?

APÊNDICE J — Roteiro de entrevista semiestruturada com Roger Rodrigues

Pode explicar quais são as classificações de barragens de rejeitos que existem no Brasil?

Por que a barragem alteada pelo método a montante é considerada a mais instável e econômica?

O que é o fenômeno da liquefação?

O que significa o processo de descaracterização de uma barragem?

Enquanto uma barragem está inativa e/ou em descaracterização, ela ainda corre o risco de rompimento? Por quê?